

E baixando a voz, continuou:

— Esse homem vem aqui, guiado pela Providencia, para convencer-vos de que a virtude ainda não abandonou a terra, como pretendem.

O velho chegou ate á ramada onde estavam os seis moços, demonstrando bastante acanhamento; tirou o chapéo e disse timidamente:

— Muito boas tardes, meus senhores.

O romancista estreitou a mão do velho, collocou uma cadeira ao seu lado e disse:

— Então o senhor por esta terra?

— Tenho aqui alguns amigos velhos, e esta manhã ocorreu-me fazer-lhe um visita. Já vê que não o esqueci.

— Como vai Maria?

— Boa.

— E Luiz?

— Cada vez melhor e mais enamorado.

— Bravo!—exclamou o romancista.—Senhores, apresento-lhes o meu amigo o Sr. Izidoro Requena, um dos homens mais probos que conheço e que me honra ha alguns annos com a sua amizade.

Todos o cumprimentaram, e Izidoro levantou-se para corresponder-lhes.

— Agora, meu caro, suppondo que já jantou, tomará conosco uma chavena de café e um calice de anysette de Bordeus, de que tanto gostou a primeira vez que provou. Mas vou pedir-lhe um favor, e é que conte a estes amigos a historia da sua vida; ser-me-ha muito agradável que elles a ouçam dos seus proprios labios. Eu sei que esta exigencia de amizade lhe causará de certo algum embaraço; mas assim é preciso.

Izidoro Requena fez-se extremamente corado e replicou:

— Mas o senhor, que conta as cousas tão bem e que sabe a minha historia como eu proprio, porque não me faz o favor de a relatar?

— Pela simples razão de que estes amigos, que me julgam um hyperbolista, não dariam tanto credito á historia de Maria e Luiz, como ouvindo-a da bocca do Sr. Requena, que é parte interessante d'ella.

Izidoro teve que acceder aos pedidos do romancista e dos seus amigos, e contou uma historia singela. Eu vou referil-a ao leitor, em fórma de romance, para ser mais agradável; e estou certo de que ao terminar a sua leitura não ha-de parecer-lhe de todo perdido o tempo que gastou em percorrer estas paginas.

Escute, pois.

(Continua)

## Superstições e crendices de minha terra

(RANGEL DE S. PAIO)

I

### O ENCANTAMENTO

A Umbelina Clelia

UM NINHO DE ROLA

Gostas, leitor, de contemplar os quadros de pintores da escola flamenga, gostas de ver bem representados factos da vida intima e democratica? preferes em pintura realismo a assumptos idéaes? Vem comigo, tenho a offerecer-te um lindo especimen.

E' alli, n'aquella casa á beira rio, sombreada por copada figueira brava e ladeiada por um jardinsinho pouco artistico, mas rico nem só de rosas, cravos e jasmims, como de plantas hortenses; um jardim que descobre a quem o examinar attento, que seu cultor prefere os prazeres culinarios tanto ou mais quanto aos da *toilette*.

Se não és, foste rapaz, soubeste subir em arvores; trepa-te n'aquella ingazeira, mesmo naquella rama que se debruça por sobre as buliçosas aguas do Parahyba—só d'ahi poderás ver por aquelle oculo pouco distante da beirada do telhado.

Imagina que fitas por um tubo de kaleidoscopio.

Ha luz, não vês? é uma camarinha quadrilatera, alva no tecto e parede, e perfumada.

A um lado ha uma lustrosa mesinha de jacarandá, semicircular, de tampo e ilhargas embutidos com corações e trevas de *pequiá*, já amarellado pelo tempo; é uma d'aquellas que nossos avós em sua primeira infancia encontraram no rigor da moda e que muitos de nós ainda as temos nos lugares menos *visitados* de nossas habitações.

Nesse *consolo* ha um oratoriosinho, primor e primicia de curioso aprendiz de marceneiro; tem portas envidraçadas e ostenta inteiramente um luxo de ornamentação, graças ao papel pintado, aos galões, ás mil sanefas e laços, vermelhos e azues, que faz lembrar matutinha faceira em dia de festa de rago da aldêa natal.

Em frente á porta fazem alas um par de jarras de porcellana cheias de flores e dois castiçoes de crystal com bugias apagadas.

Bem no centro, uma lamparina de vidro côr de rosa illumina o quarto, e deixa ver mais miudamente as tres estatuetas do culto do piedoso morador desse compartimento, litteralmente enterradas em um bosque de folhas e flores meio resequidas.

São ellas começando da direita:

Um gordo e louro menino de roupas talaes e ternamente abraçado com uma cruz de prata maior do que elle; uma virgem de alabastro, calcando a cabeça de uma serpente enroscada em uma esphera estrellada, e um frade franciscano, fitando amorosamente uma creança que tem sentada em um livro vermelho,

O frade até contra os menos rigorosos principios monasticos traz grã-cruz rubra, muitas voltas de fita em de redor do corpo.

E' absurdo? mas não te rias—antes d'aquelle santinho, já um governador do Rio de Janeiro entregou a defesa da cidade exclusivamente a uma imagem identica, já um rei condecorou-a por actos de bravuras e concedeu-lhe soldo de capitão que o Brazil ainda paga no anno que atravessamos!

Não te rias, pois, do Santo Antonio do quarto que espiamos, a fita é legalmente usada como legalmente uniformisal-o poderiam militarmente, como frade do Mont Saint Michel na *idade-media*, ou como S. Jorge, que tambem vence soldo e recebe continencias militares, como verdadeiro general brasileiro, que é.

Continuemos a examinar.

Em frente da mesa ha uma marquezinha de vinhatico meio occulta por amplo cortinado de cassa adamascada e ao lado do leito pende do encosto de uma cadeira de faia roupas de mulher.

Completa a mobilia uma commoda, lavatorio de ferro

com pertences de louça azul, espelho de moldura dourada, moxo junto do espelho com caixa de pentes e pote de balsa de Monpelas, nessa epocha ainda não destronado, bastidor, e cadeirinha de costura, carregando almofada de velludo azul meio encoberta por saia de organdy em preparos.

Quem occuparia aquelle quarto?

Que é mulher sabemos, mas sua idade, seus dotes physicos, seu retracto moral?

Como Cuvier com um osso fossil encontrava um animal perdido nas sombras do preterito, cremos que com o exame de um aposento pode-se conhecer quem o occupa.

Vejamos.

E' uma joven a dona daquella camara, tudo o confirma, é solteira — a exoguidade do leito assevera; tem crenças, ensina o oratorio, as flores, os adornos; é faceira proclamam desde o cortinado com apanhado de laços, até a escova de dentes enrubiada de *mar tcha* deposta no peitoral da janella, até as saias de matames e rendas; não é ociosa se conhece pelo bastidor, onde se vê esticado um lenço de labyrinth e pela almofada com costura; que não é rica, na modestia e variedade dos moveis, na pouca vastidão da casa e no local em que habita — a povoação da Sapucaya, ponto mais septentrional da provincia do Rio de Janeiro, com que se limita a de Minas pelo gigantesco rio Parahyba.

E faltou-me notar que era linda — ou tal suppunha-se; pelo contrario seu espelho estaria empoeirado, inservivel, como é o de toda moça que tem consciencia de seu rosto mal esboçado e impossivel de retoques.

E uma creaturinha assim, ainda faltando-lhe o encantos do ouro tão apreciado pelos D. Jua da epocha, pode ser classificada minosa e poetica, gentil e pura como a rolinha dos bosques.

(Continua.)

## Os Bastidores politicos

(PARODIA)

### I

O MUNDO E' UM THEATRO !...

Não ha metaphora mais velha nem mais universal, porque não ha mais velha nem mais universal verdade.

O mundo é um theatro !...

Os homens são os *personagens* e cada qual representa o seu papel.

Cada um de per si é *actor*; todos juntos o *publico*.

Dahi duas necessidades: — SER E PARECER.

*Parecer* é estar na *scena*

*Ser* é abrigar-se nos bastidores.

A *representação* é o que o publico vê. O mais, o que se esconde, o que o povo não sabe são os *bastidores*.

A *tout seigneur tout honneur*, comecemos pelos nossos digrissimos.

São 122.

Seu theatro chama-se *camarados deputados*.

A representação fallada chama-se *sessão*. Reduzida a escripto toma o nome de *acta*.

A *sessão* e a *acta* são OFFICIAES.

### II

#### PRINCIPIOS PRIMORDIAES

*Official*, isto é, o que se diz ao povo, o QUE E' PRECISO QUE ELLE CREIA. Decorem bem estas palavras que encerram em si toda a sciencia politica.

A *cousa official*, com effeito, é uma instituição fundamental: a base dos governos, assim como a *cousa julgada* é a base de toda a justiça.

Ora, os governos naturalmente não gostando de se calumniarem a si mesmo, só raras vezes arraujam em seu prejuizo a *cousa official*.

Ella não admitto contestação ainda que seja notoriamente falsa, impossivel, absurda.

Quando o governo disser *officialmente* que faz noite ao meio dia, ninguem tem o direito de sustentar que vê a esta hora sem o auxilio de uma vela.

A *cousa official* tem por sanção a força governamental.

Nos governos absolutos a sanção é absoluta. Nos governos representativos a sanção é relativa.

No reinado de Nero era *official* que o imperador tinha a melhor voz do mundo. Quem affirmasse o contrario seria lançado aos tigres

Na idade media seria assado vivo quem duvidasse da effecia da excomunhão episcopal.

Ainda hoje...

Ha pouco tempo, na Belgica, foi demettido um professor por ter posto em duvida que Jonas fosse engolido e passasse tres dias no ventre de uma balea.

Entre nós..

### III

#### LINGUAGEM ESPECIAL

A *cousa official* tem as suas vantagens e os seus inconvenientes.

Toda ficção, toda alteração da verdade, obriga o seu autor a se observar muito, se não quer trahir-se e contradizer-se. Foi em face desta necessidade que se inventou a *linguagem especial*.

Esta linguagem convencional, obrigatoria para todos os homens politicos, toma emprestadas as palavras da lingua commundando-lhes, porém, um sentido especial, como nas linguas hieraticas onde as palavras tem uma dupla significação: — uma para o povo, outra para os iniciados.

E' assim que se chega a insinuar a verdade *verdadeira* sem se apartar muito da verdade *official* e que se achao meio de chegar ao *preto* sem perder a apparencia do *branco*.

Na falta de um dictionario completo, daremos como exemplo as frases principaes e elementares. Ellas são indispensaveis á intelligencia das representações parlamentares.

O governo ou a opposição de que se faz parte é sempre: — A *expressão exacta e fiel dos verdadeiros sentimentos do pais*.

A opinião publica quando é a favor: — o *voto legitimo da nação*.

No caso contrario: — a *desordem moral*.

Os eleitores que deram o seu voto: — a *parte intelligente do eleitorado*.

Os outros: — a *lei brutal do numero cego*.

Pobre moça!

Morreu sem ser amada e eu vivo só no mundo. Não sou para lastimar, leitora?

.....  
Tinha, como vos disse, posto o ramo das angelicas na caveira da moça.

(Continua.)

## Superstições e crendices da minha terra

(RANGEL DE S. PAIO)

I

### O ENCANTAMENTO

A Umbelina Clelia

(Continuação)

IV

#### CAPITULO DAS GENEALOGIAS

José Maria negociava na Sapucaya, essa povoação na ralda de uma montanha, separada pelo Parahyba da provincia de Minas, e depois que os trabalhos da estrada de ferro Pedro II para lá se dirigiram uma nova fonte de prosperidade.

Antecedentemente fôra elle estabelecido em Iguassú, onde nascera sua filhinha e donde era natural sua mulher. Desde que a estrada de ferro, attrahindo para outros pontos a immensa colheita de café das circumvisinhanças, reduziu Iguassú a uma villa decadente, José Maria buscara outro sítio.

A fortuna, que até então sorrira-lhe, voltara-lhe á face; José Maria perdeu escravos, o capital que tinha em poder de um banqueiro escoou-se em uma banca-rota, e foi obrigado a vender uma fazenda que possuia, para conservar ao menos illesa a honra de seu nome.

Sua mulher, filha de um lavrador—trouxera-lhe uma alma angelica, Rosa e mais dous escravos: Era uma boa dona de casa, porém uma senhora ignorante.—Sabendo apenas ler e mal escrever.

Rachel, educada por sua mãe, adquirira tudo quanto esta possuia e mais algumas prendas com que uma senhora da Corte; com quem esteve tres annos, dotou-a, por isso era supersticiosa, como quasi todas as pessoas a quem uma educação solida não ampara.

Rachel, meiga, formosa e joven, naquella povoação tristonha parecia uma rosa entre sylvedos.

Só, sem uma companheira de sua idade para aquellas doces confidencias a que a juventude nos guia, gastava sua vida no trabalho de agulha, na aprendizagem da administração da casa e na cultura de um pequeno jardim.

A' noite, as vezes lia, para sua mãe, a *Floresta de Bernardes*, romances de Anna de Radcliff, o *Flas sanctorum*, as *Mil e uma noites* e o *Saint Clair das Ilhas*, livros de que se compunha a bibliothecinha de D. Chiquinha, o *Thesouro das adultas*, a *Anna de Tanneburgo* e algumas outras obras moraes, presentes que recebera de seu pae.

Sapucaya é um lugar sem attractivos. A sociedade limitada é muito reduzida. O egoismo do mercador, a grosseria dos feitores, a rudeza dos operarios da estrada e a

insolencia dos tropeiros, cada vez mais reduzia a roda frequentada por José Maria, que, sem grande razão, tinha uma tal ou qual sobrançeria aristocratica.

A vida de José Maria passava-se—das sete horas da manhã ás nove horas da noite, em sua loja, e dessa hora em diante em casa, onde ás dez horas todos estavam recolhidos.

Aos domingos ia á missa com a familia e á tarde ou ia fazer alguma visita, ou recobria os amigos.

Assim passava aquella familia, senão completamente feliz, com certeza tranquilla.

V

#### PRIMEIRAS SCISMAS

A obra monumental do grande tunel quando terminada e aberta ao transito publico, houve uma grande festa, como sempre tem acontecido.

José Maria e Rachel foram assistil-a.

Para uma pobre enclausurada, aquellas galas, aquelles europeis com que cercaram o imperador, a grande concurrencia — o apparato official attrahe; tudo enebriou, pois, Rachel.

Na mesa do banquete seu pae sentou-se junto de um velho commendador, seu amigo, a quem a apresentara. Em frente de ambos, no vão de uma porta, estacionara um moço alto, magro, de physionomia insinuante, bigode negro contrastando com uma face de alvura deslunbrante, mas sem um vestigio de colorido.

O mancebo fitava-a embevecido, buscando-se occultar, logo que ella ou o velho commendador voltavam-se para seu lado.

O commendador Andrade, alegre e gamenho, não cuidava em outra cousa mais do que no festim e na joven senhora que estava a seu lado. Rachel menos presa ao festim notou a insistencia do moço e incomodou-se com ella.

Finda a festa, na despedida, o commendador pediu muito a José Maria que levasse sua filha á fazenda ... e prometteu por sua vez il-os visitar.

— Hei de levar o Cazuza, capitão, para casarmol-o com a Rachelsinha. Não quer ser minha nora, menina?

— Elle retirou-se, commendador? pergantou José Maria.

— Creio que sim. Aquelle rapaz é meio pancada, meu capitão, mas a Rachelsinha ha de guial-o a ter juizo, não é minha menina?

Riram-se os velhos amigos e separaram-se

Desnecessario é acrescentar que Rachel corou sumamente com as facecias boças do commendador, de quem logo esqueceu-se, não acontecendo o mesmo a respeito do joven de rosto de alabastro o bigode de azeviche; com esse Rachel sonhara dormindo e acordada, esse desejara que fosse o noivo offerecido pelo homem da placa ao peito.

Muitas vezes o vira nas noites de Junho entre os vapores que se levantam do rio, nas tardes de verão atravez das nuvens de rosicler que tingiam o céu, nas noites de luar com as vestes da negra renda dos arvoredos das seras que guarnecem de um e outro lado o Parahyba.

(Continua.)